

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ANNO I

N. 1

FLOREAL

Publicação bi-mensal

de critica e litteratura

DIRECTOR

Lima Barreto

REDACÇÃO

Rua Sete de Setembro, 89

1º Andar

Rio de Janeiro — Brazil — 1907

EXPEDIENTE

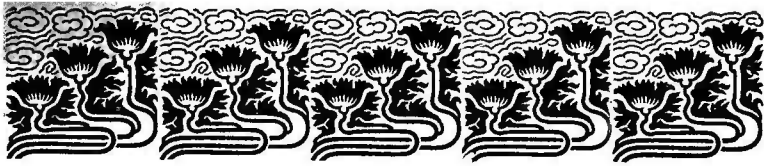
Assignaturas

Trimestre...	3\$000	—	Semestre...	6\$000
Anno.	12\$000
Avulso..			\$500

Rio, 25 de Outubro, 1907.

Summario

Artigo inicial — *Lima Barreto*; Dialogo — *A. Noronha Santos*; Dia de Amor — *D. Ribeiro Filho*; Ossos (versos) — *M. Pinto de Souza*; Recordações do Escrivão *I. Caminha* — *Lima Barreto*; Revista da Semana: Pretextos — *Lima Barreto*; Jornaes e Revistas — *A. Noronha Santos*; Echos, &.



Não é sem temor que me vejo á frente desta publicação. Embora não se trate do *Jornal do Commercio* nem da *Gazeta de Pekim*, sei, graças a um tirocinio prolongado em revistas ephemeras e obscuras, que immenso esforço demanda a sua manutenção e que futuro lhe está reservado. Sei tambem o quanto lhe é desfavoravel o publico, o nosso publico, sabio ou não, letrado ou ignorante. Faltam-lhe nomes, grandes nomes, desses que enchem o céo e a terra, vibram no ether imponderavel, infelizmente não chegando a todos os cantos do Brazil; faltam-lhe desenhos, photogravuras, retumbantes paginas a côres com *chapadas* de vermelho—materia tão do gosto da intelligencia economica do leitor habitual; e, sobretudo, o que lhe ha de faltar, será um director capaz, ultra-capaz, maneiroso, dispondo da sympathia do jornal todo poderoso, e sabio nas sete sciencias da rua Benjamin Constant e em todas as artes estheticas e technicas.

Desgraçadamente, não tenho essa sabedoria excepcional que super-abunda por ahi; e, se alguma cousa justifica a minha directoria, não é com certeza o meu saber.

No nucleo que fundou e pretende manter esta publicação; não sou eu quem mais sabe isto ou aquillo; antes, um sou que menos sabe.

Não foi esse o motivo; talvez fosse por ser eu o mais apparentemente activo e, para empregar uma

palavra da moda, o mais ostensivamente lutador, que os meus companheiros me deram tão honrosa incumbencia.

Não que eu o seja de facto. Examinando-me melhor, creio que ha em mim um inquieto, a quem a mocidade dá longiquas parecenças de activo e de combatente; e quiçá taes semelhanças tivessem enganado os meus amigos e companheiros, elevando-me á direcção desta pequena revista.

O seu engano não foi total, penso eu; na epocha de vida que atravesso, o inquieto póde bem vir a ser o lutador e o combatente, taes sejam as circumstancias que o solicitem. Eu as desejo favoráveis a essa util mutação de energia, para poder levar adiante este tentamen de escapar ás injunções dos mandarinatos literarios, aos esconjuros dos preconceitos, ao formulario das regras de toda a sorte, que nos comprimem de modo tão insolito no momento actual.

Não se trata de uma revista de escola, de uma publicação de *clan* ou malóca literaria. Quando, como nos annos que correm, a critica sacóde e procura abalar sciencias duas e mais vezes miliares, como a geometria, e os dogmas mais arraigados, como o da indestructibilidade da materia, seria paradoxalmente exotico que nós nos apresentassemos unidos por certos theoremas de arte, com séguras theorias de estylo, e marcando um determinado material para a nossa inspiração.

Não se destina, pois, a *Floreal* a trazer a publico obras que revelem uma esthetica novissima e apurada; ella não traz senão nomes dispostos a dizer abnegadamente as suas opiniões sobre tudo o que interessar a nossa sociedade, guardando as conveniencias de quem quer ser respeitado.

E' um revista individualista, em que cada um poderá, pelas suas paginas, com a responsabilidade

de sua assignatura, manifestar as suas preferencias, communicar as suas intuições, dizer os seus julgamentos, quaesquer que sejam.

Não estão (é preciso dizer) no seu programma as estupidas hostilidades preconcebidas. No julgamento do pensamento que nos precedeu, levaremos em conta as difficuldades que o nosso tem encontrado para se exteriorisar e tomar corpo, e tambem que o antigo se encandeia no novo; o novo no novissimo, e que, quando mesmo isso não se dê, ambos pódem coexistir, por mais antagonicos que sejam, sem que um diminua a grandeza do outro. E' licção da Natureza. Os monstruosos *Hipparions* do mioceno lentamente evolveram até á esbelteza do *pur-sang* contemporaneo; ao lado delles, porém, pela superficie da Terra, quasi sem modificações, os mastodontes terciarios ficaram nos nossos elephantes actuaes.

Mas, comquanto as nossas divergencias sejam grandes, ha entre nós uma razão de completo contacto: é a nossa incapacidade de tentar os meios de publicidade habituaes e o nosso dever de nos publicar.

Este caminho se nos impunhá, pois nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pae livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só ha um meio de se chegar ao editor—é o jornal. Pouca gente sabe tambem que o nosso jornal actual é a cousa mais inintelligente que se possa imaginar. E' alguma cousa como um cinematographo, menos que isso, qualquer cousa semelhante a uma *féerie*, a uma especie de magica, com encantamentos, alçapões e fogos de bengala, destinada a alcançar, a tocar, a emover o maior numero possivel de pessoas, donde tudo o que fôr insufficiente para esse fim deve ser varrido completamente.

Cada um de nós está certo de que seria perfeitamente incapaz de levar emoções aos habitan-

tes respeitaveis de Paracutú ou de attrahir leitores da rua Presidente Barroso ou Marquez de Abrantes; mas, estamos certos tambem que essa média entre a sensibilidade obstruida de afastados compatriotas, o semi-analphabetismo de uns e a futilidade de outros, actualmente representada pelo jornal diario, não tem direito a distribuir celebridade e a estabelecer uma escala de meritos intellectuaes.

Demais, para se chegar a elles, são exigidas tão vis curvaturas, tantas iniciações humilhantes, que, ao se attingir ás suas columnas, somos outros, perdemos a pouca novidade que traziamos, para nos fazermos iguaes a todo o mundo. Nós não queremos isso. Burros ou intelligentes, geniaes ou mediocres, só nos convenceremos de que somos uma ou outra cousa, indo ao fim de nós mesmos, dizendo o que temos a dizer com a mais ampla liberdade de fazel-o.

Temos grandes duvidas, insisto, mas não tantas que façamos residir toda a grandeza da litteratura, todo o seu alcance e destino superiores, em rutilantes chronicas duvidosamente impressionistas ou no desenvolvimento em conto das anedoctas da folhinha Laemmert.

Taes cousas pódem ser justas, como descanso de obra maior ou como meio de vida, mas não dando nunca direito aos pontificados literarios que hoje, devido ao *tam-tam* dos jornaes, dão aos que usam e abusam dellas.

E de tal forma sentimos que o publico (tão habituado anda elle aos processos jornalisticos!) nos era inacessivel se não lhe dessemos aqui alguma cousa do jornal, que fomos buscar numa revista estrangeira um modelo que participasse das duas cousas. Assim é que, nesta, uma parte será toda consagrada á materia habitual das revistas e a outra, dividida em secções, será como que um jor-

nal de quinze em quinze dias, onde serão examinados, tratados, explanados, segundo as nossas forças e aptidões, os acontecimentos de toda a ordem que se houverem passado no nosso meio.

Se o favor publico nos ajudar, o que não esperamos, ampliaremos uma e outra parte, buscando capacidades maiores que as nossas, outros talentos mais fortes, mas sempre evitando trazel-os dentre essas grandes celebridades, jovens ou anciãs, que tudo absorvem, que tudo empolgam, procurando-os nos pensamentos novos que não andem á cata de empregos proveitosos.

LIMA BARRETO.



DIALOGO

PAMPHILIO

Acredita, Philetas, que a theoria oriental ligeiramente adaptada, resolveria de modo completo o problema feminino. A vida em casa, em companhia das creadas—são tantas as mulheres que vivem assim—, e dos filhos, se os tivessem.

PHILETAS

Isto é simplesmente horrivel. E tu o affirmas, serio, sem um sorriso, hoje, quando os harens entreabrem aos poucos as suas portas, e desvendam aos nossos olhos o seu antigo mysterio; hoje, quando os turcos, passam, por assim dizer, o Bosphoro pela segunda vez, e deixam-se seduzir pelo contagio libertador da velha Europa! Deliras, meu pobre amigo.

PAMPHILIO

Deliro, talvez. Mas não percebeste ainda que a liberdade da mulher traz como consequencia fatal

o seu desamor, e finalmente a sua incompreensão? Vê o exemplo dos Estados Unidos. Não te parece que se está creando lá um novo ser humano, exquisito, anormal, cuja posse sexual constituirá em breve uma nova aberração?

PHILETAS

Ha nisto um quê de sadismo que não me desagradava de todo. Somos levados pela corrente, e asseguras-me que descobriremos terras que os nossos passos ainda não violaram? Que maior certeza e volupia poderíamos desejar?

PAMPHILIO

E' uma previsão equivocada, que não me pode seduzir. A identidade absoluta, Philetas! Como se poderão completar dois seres eguaes? Desejas o advento do Terceiro Sexo; francamente, os dois que hoje existem já bastam para desgraça e miseria commum.

PHILETAS

Vejo nas tuas palavras, o medo instinctivo de uma nova moral sexual. Novas complicações amorosas! Que incomparavel prophécia acabas de lançar ao mundo!

PAMPHILIO

As antigas são sufficientes por muito tempo ainda, Philetas. E' certo que o dominio absoluto, a posse exclusiva já passaram de moda. O estúpido romantismo deu-lhes o ultimo golpe. E tu que certamente o achas detestavel, deves-lhe uma grande gratidão. Sim, o romantismo, não podendo escapar a todos os dictames do bom senso, quando incensou e transfigurou o amor, dando-lhe como terra conquistada o Mundo inteiro, não exigiu, o mais das vezes, que elle fosse eterno. Sabia que o

fogo abrazador arde depressa e cedo se extingue. E esta simples imagem impondo se com toda a força de uma coisa commum, banal, irreductivel, bastou para que elle não fosse levado a exagerar a sua força avassaladora.

PHILETAS

Ouço-me falar nas tuas palavras, Pamphilio, mas has de permittir que eu, embora reconheça, neste ponto, o valor do romantismo, prefira-lhe a noção secca, exacta, estrictamente real de um Chamfort, ou melhor, daquelle adoravel fim do seculo XVIII. Citar-te-ia tambem de bom grado Stendhal, com a sua grande experiencia *italiana*, mas as lamentaveis aventuras da sua vida sentimental estragaram-m'o para sempre. Induziram-n'o a considerar como bem supremo, e supremo ideal, aquelle Amor-Paixão, que elle proprio, sem que o percebesse, com a sua theoria tão transcendentalmente ironica da *crystallisação*, amesquinha e deprime. O Amor-Paixão! Vá, mas que não seja demorado em excesso. Urge restituir ao amor aquelle aspecto de cousa ephemera e instavel, que lhe tentaram tirar, e a todas as creações humanas, neste nosso tempo mystico; e que se torne na vida uma parada rapida e nada mais. Violenta? sim. Ha de ser violenta.

PAMPHILIO

Mas conseguirás acaso, que o ciume, que deveria ser neste caso um sentimento concomittante á paixão, não sobrenade e perdure, quando esta já for levada por agua abaixo?

PHILETAS

O cão caçado de roer um osso, enterra-o, querido Pamphilio. E' o que todos os amantes fariam se podessem, de uma velha paixão. A's-vezes,

quando bem enterrado, chega-se um outro cão, e guiado pelo faro, revolve a terra e atira-se ao destroço enterrado. Mas a este tempo, o primeiro cão quasi sempre já se foi, e que lhe pode importar o que elle não vê nem quer ver? O ephemero, o eterno ephemero!

PAMPHILIO

E os crimes por amor? Não reconhecetes nelles uma revolta consciante contra o amor ephemero? Que faz o homem quando mata a mulher amada, que lhe foge, se não puxal-a para si, viva ou morta?

PHILETAS

Uma parada rapida. Eu já tive muitas vezes a sensação da eternidade, de que vivia seculos, e isto do modo mais mais simples deste mundo: estando á espera de um bond, n'um dia quente, e ouvindo no silencio pesado, ao longe, as notas monotonas de uma escala. E' certo que durante estes dois ou tres minutos eu não pensava no bond, nem que chegaria em breve, para interromper cruelmente a minha incomparavel sensação de bem-estar. Mas iria revoltar-me contra elle? O amor é uma parada rapida, Pamphilio. Não lhe neguei a intensidade e a violencia. E é tão exclusivista, como aliás toda paixão emquanto domina o homem, que este ás vezes, para mantel-a no seu estado de pressão, quando a sente arrefecer na mulher, recorre á solução facil e grotesca do assassinato. Jogo estúpido de creança que arrebenta a boneca com que não soube brincar! Não lhe posso dar outro nome.

PAMPHILIO

E o marido que mata?

PHILETAS

São crimes conjugaes, Pamphilio, o que é bem differente. O dever! E este mesmo, aos poucos

perde a sua força. Ha tantas escapatorias que se lhe substituem: a separação, o divorcio, a indiferença do publico. Confessemos que o crime por amor está se tornando aos poucos uma coisa sem sentido.

PAMPHILIO

Mas que farás então do atavismo, da volta subita e tragica aos costumes naturaes, logo fe-rozes?

PHILETAS

Meu caro Pamphilio, acredita que entre os selvagens os crimes por amor ainda são mais raros que entre a gente civilisada. Se não me repugnasse folhear tanto livro illegivel, seria facil a demonstra-ção. Mas lê o «Brasil e a Oceania», de Gonçalves Dias,— como se tivesses deante de ti uma tribu ta-puya!— e verás como entre elles se repartiam naturalmente as mulheres. Os velhos abdicavam, e aos rapazes offerciam-se as indias velhas, sendo aliás de lastimar que entre nós se tenha perdido (em parte) este delicioso costume. Consola-te, pois, Pamphilio, e consente que este crime, não direi barbaro, mas social, desapareça por fim da terra. Já terás por certo notado que elle tinha um ar de *coisa escripta*, que lhe tirava qualquer alcance ju-ridico, policial, e mais propriamente penal. Deixa-o pois morrer em paz, como a epopéa, a tragedia classica, e o dramalhão romântico, e não te oppo-nhas a que o homem lance mão de outros meios, mais logicos e mais simples, para affirmar o seu amor

ANTONIO NORONHA SANTOS.

Dia de Amor

III (*)

Ao passar o portão, Vera perdeu a voz, a cor e os passos. Pedro tomou-lhe as mãos e veio guiando-a até a sala de visitas. Fel-a sentar-se.

— Que tens?

Acarinhou-lhe a fronte; mirou encantado a sua pallidez que tornava o rosto da mesma cor dos cabellos louros.

Sentados, cercados de um silencio emocional e esthetico, sentiam-se embaraçados n'uma teia de anciedades e n'um enredo de ideias entusiastas e sensuaes, confusas e febrís.

— Que tens?

Vera agarrou-lhe as mãos:

— Dize-me, Pedro, fala-me tudo quanto calaste em tua historia de amor. Fala-me! Eu não te comprehendia..

Elle sorriu da exaltação e não respondeu. Enlaçou-a pelos hombros, apertou-lhe o busto, os seios de encontro ao peito arfante. Era o exordio da posse: a carne desvairou-o.

Mudo, electricado, em ancias de delirio, insano de ardente força nervosa, ergueu-a d'alli e arrastou-a ao quarto que nadava na luz cantante da manhã.

— Pedro! Pedro! Espera!.

(*) — Os dois primeiros capitulos deste conto foram publicados em duas edições domingueiras do *Correio da Manhã* que não continuou a publicação por tel-o julgado immoral. Sobre Moral, a redacção do poderoso jornal diario tem maiores certezas que o Sr. Poincaré sobre geometria. E' um facto notavel que registramos para servir aos que entre nós se dediquem ao estudo experimental da intelligencia.

Elle abriu os braços; Vera cambaleou desamparada, no meio do quarto, rindo, como uma animalzinha.

Rápida desembaraçou-se das roupas, quasi sem dar a Pedro tempo de fixar as fórmulas puras do seu corpo flexuoso e branco.

Núa, avançou para elle, risonha do antegoso, voluptuosa do sonhado paroxysmo.

E as horas foram. Na luz do quarto voavam perfumes; parecia que eram pollens em dispersão, rescendendo e fecundando a flor radiosa do ar para um brilho maior e uma luxúria infinita.

O Sol tocou o zenith. No collegio vizinho a meninada debandou em algazarra pelo gramado, em recreio do meio-dia.

O rapazio gritava e saltava fazendo alarido, e esse clamor feliz, de gargantas espontaneas e indisciplinadas, chegava-lhes aos ouvidos como um hymno de graça.

— Escuta: são as crianças, filhos do amor alheio, que cantam o nosso amor.

Vera sorriu voluptuosa e extenuada, a bocca crivada de beijos, a face enrubecida de carinhos, os olhos pisados de espasmos.

Pedro erguera-se sobre os cotovellos, fatigado, sem ar. Vera saltou do leito, nervosa, a concertar as tranças do cabello em desordem. Elle a reteve em posição, mirando-lhe esthesiado e contente as linhas amplas e esculpturaes das espaldas, da cintura, das ancas.

— Achas que estou magra?

— Não. Tens a sobriedade carnal das mulheres nervosas e sensuaes.

Vera voltou-se, fazendo estremecerem os peitos, acarinhou o corpo de Pedro, gozando o tacto da macieza e da elasticidade de sua musculatura. Disse:

— Falta-nos carne, a malsinada e victoriosa carne que a estulticie christã não póde e não sabe admirar!

— Mas nós somos sadios e resistentes;— respondeu Pedro,— o nosso amor de agora é uma prova plenaria.

Afastaram-se do leito, rodaram pelo quarto, mudos, lentos, felizes. Pedro fechou a janella que enfrentava o corredor, interceptando assim a corrente de ar.

— Vem!

Passaram, insensíveis á temperatura, até o quarto de vestir onde, unidos, posaram defronte do grande espelho do *psyché*.

— *Amor e Psyché!*— disse Vera a sorrir.

Eram formosos assim nós, enlaçados, como um marmore vivo, classicos e pagãos, alvos e louiros, viçosos, sensuaes e jovens.

— Quem de nós é o mais bello? — perguntou Vera.

— Os dois. Ou antes, aquelle que de nós for o mais amoroso, porque, como a Força e a Fórma, o Amor e a Belleza estão conjugados para sempre.

— Oh! então o mais bello sou eu! — exclamou Vera radiante.

O espelho reproduzia, como que feliz, essa scena mythologica.

— Si o aço conservasse a nossa imagem! — disse Pedro.

Vera sorriu:

— Este espelho não! que já deve ter guardado a ti e á tua mulher.

— Oh! — disse elle malicioso — a minha mulher é como o teu marido!

— Psit! — fez ella corando.

Vieram a sala de jantar onde, nós e arcadia-nos, fizeram uma ligeira refeição. Depois sentaram-se a um sofá que Pedro acolchoou com um

lençol. Era junto á janella que olhava o nascente. Pedro cerrou as venezianas contra o vento:

— Tens frio? — perguntou.

— O frio é um pretexto para os que têm horror á Belleza — respondeu Vera —. Ao Sol dos teus olhos eu estou para sempre aquecida. E não dizes que eu sou ardente? de que serve o meu fogo, si o calor da minha volupia por ti fosse incapaz de servir de tunica á minha estatua?

— Vera! Vera!

— Deixa-me falar. Ou tens tu frio?

— Eu? muito! a idéa de perdêr-te!. de que em pouco tempo deixarás esta casa vasia! faz-me tiritar!

Ella empallideceu.

— Pedro! cala-te! Nós nos amaremos para sempre!

— Como?!

Ella se enroscou nelle:

— Não sei! mas nós somos, toda a vida, mutua posse, indefectivel conjuncção! Sabes? ha um recurso: a fuga!

Pedro sentiu as carnes lhe tremerem, espasmos agitarem-lhe angustiosamente a pelle e os cabellos:

— A fuga! Mas si estamos chumbados ao logar commum! Fugir para o mundo dos cretinos e dos christãos! Os bosques de myrtho da Hellade são hoje estações de vias-ferreas! as latadas de pampanos promissores são engenhos de cultura intensiva. A fuga!. Impossivel! E, si nós ficassemos? Não amas o teu marido? eu amo a minha mulher!

— Sim, Pedro; mas é o amor da condemnação, o amor do habito imposto. O sentimento puro, de eleição, filho da nevrose poetica, o romance intellectual do gozo duplo, da loucura a dois; esse que agora nos enlaça, ha de ficar perdido para nós

e para a vibração universal, quando a noite vier, si a fuga, a fuga gloriosa não nos arrebatara por ahi — onde? a um cantinho sob o Sol e os sóes!...

Emudeceram offegantes, anciosos, como si a vida lhes fugisse agora, pendidos sobre o abysmo de uma irrespondivel interrogação. Depois Pedro passou a mão pelos olhos e sorriu:

— A fuga é a resistencia.

— Como?

— Ficaremos integros e tenazes nos nossos amores. Amarmo-nos-emos com avidez, alegria e serenidade; sonharemos juntos, ternos e submissos como seres que se votam um ao outro mas que não se pertencem. Que importam as nossas familias? Nós nos amaremos como noivos, espiritualmente, n'um romance mental, sem a presença da carne e sem o testemunho dos sentidos.

— Cala-te! Dizes um absurdo. Eu te quero e tu me queres, tão forte e fatalmente que, si não nos pertencermos, o Sol nunca mais ha de trazer o dia. E a astucia? seremos imbecis, incapazes de enganar o mundo que nos engana? Vê: lá em casa, tu conheces, no recanto da chacara ha um carramanchão esquecido: eu vou plantar trepadeiras pela grade. Tu irás: estaremos occultos. Que havemos de fazer? O sacrificio do amor, o estrangulamento dos desejos, a recusa aos instinctos, toda essa anti-vida é o crime maior que se commette sobre a Terra. Não nos dominemos, não abafemos os gritos da carne que nasceu para florir, palpitar e viver. E' sciencia, sabedoria e romance. O romance só tem razão de ser para vingar as nossas tendencias naturaes que a cegueira social e religiosa esmaga. Nós nos amamos? possuamo-nos!

— Sim! sim! — disse Pedro radiante. Falas como um genio. O amor te faz uma vidente. E eu suppunha que fosses uma mulher. Formosa e bondosa, e nada mais pensei que eras.

— Sim? Mas tu não me falavas, não me inspiravas? Não te escutava eu inebriada?

— Todas as mulheres ouvem o que se lhes dizem, fantasia ou verdade, belleza ou sandice; ellas nos ouvem sempre, e tanto mais attentam quanto mais ridicularias se lhes dizem.

— Mas eu.

Pedro tapou-lhe a bocca com um beijo, e enlaçou-a pela cintura.

— Vem.

— Agora não. Espera.

Sorriu excitada e mandou que Pedro fumasse um cigarro.

— Queres ver como eu sei dansar?

Arrastou as cadeiras, abriu um espaço, e, cantando a *Hespanha*, dansou a valsa hespanhola.

Pedro seguia inebriado, sem perder um só, todos os movimentos das suas ancas, dos seus peitos, das suas côxas, dos braços que faziam arco e aureola em torno da cabeça radiosa, dos pés que riscavam no soalho subtís as linhas rythmicas da valsa de fogo.

— Basta! basta!

Ella parou offegante no ultimo compasso, quedou immovel em frente a elle que abriu os braços nervosos attrahindo-a, cheio de admiração pela sua elasticidade e deslumbrado pela sua nudez palpitante e offegante.

— Como tu cheiras bem!

Pedro mergulhou a cabeça entre os seus peitos e nas axillas, e perdeu o folego.

— Vem agora, — disse ella.

Forte como um homem, carregou-o nos braços, assim desmaiado de odor, esthesia e volupia, para o leito onde o amor acabou de extenuar-se em delirios da felicidade maxima.

A tarde adiantava-se; os mais bellos fulgores

do Sol projectavam longas sombras em que o quarto ia mergulhando aos poucos.

Tornaram á sala de jantar onde acabaram todos os fructos. Depois retugiaram-se na sala de visitas onde ella ficou ao piano a executar o seu repertorio lyrico e traductor da sua ancia excelsa de harmonia.

Silencioso o piano, elles tinham os olhos rasos de pranto. O entardecer invadia tudo em um crepusculo soberbo.

— E' hora de me vestir! — disse Vera beijando-o nos olhos.

Pedro estremeceu :

— Não! Dorme commigo.

Ella abanou lentamente a cabeça em ar de impotencia e de angustia. Pedro, tocado d'essa indefinivel melancolia, suspirou e reagiu :

— Sê forte! riamos e cantemos. Pois si somos felizes e gloriosos de uma alegria archi-pura...

Vera pendurou-se-lhe ao pescoço a sorrir :

— Estou contente de ti! contente de viver! Amo-te, e tu és bello e és bom !

— A vida é bôa! — exclamou elle exaltado —. E tu és formosa e bondosa e genial! A immortal esperanza aqui está nos nossos corpos nús. A carne sã é virtuosa; o amor pleno é eterno! Rir, cantar e amar; trabalhar e pensar; ver a belleza da fórma, o brilho do ar, a musica, o perfume, a vibração vital e sensual da carne. eis a vida como a recompensa de um certo estado da materia e de um certo movimento da força, que vemos ser mutavel e perenne em toda a immensidade! Tu me amas? Bem! que importa o crepusculo traga a noite que nos vaé separar até quando?! Acabamos o dia mais admiravel da nossa historia e romance, sem pena e sem loucura; conhecemos o amor, a nudez, a belleza. a nossa vida tocou o

vertice a que aspiram todas as ancias universaes. Que mais?

— A morte! — disse ella serenissima.

— Mas a morte.

— o que é? a morte não existe; é um preconceito anti-philosophico que o amor fecundo desmente a toda hora. Para nós é uma revivescencia. sairíamos da vida pela porta triumphal do amor, como entramos na vida entre as palmas victoriosas do amor. Si buscarmos a morte por instincto, morreremos tão bem como as flores que se desfolham na haste e as aves que caem fulminadas na borrasca. O amor é a brisa que leva os pollens: leva-nos ella a nós tambem, para onde? Para a Vida!

Risonha, juvenil como uma graça mythologica, Vera tomou a mão de Pedro e veio trazendo-o como um cego até o quarto onde começou a vestir-se.

O crepusculo era então maravilhoso: ao longe, além do quadro da janella, montando nos telhados, derramando-se pelas cristas da montanha, arroxendo as arvores, uma morna e panoramica claridade ia fenecendo como um suspiro do dia, sem echo, merencoreo e resignado.

Vestida ella agora como uma senhora da moda, Pedro olhava-a surdamente feroz de não ver mais a mulher sob o peso odioso, hypocrita e imbecil do vestuario usual.

— E' o frio! a escuridão! — disse ella dolorosa.

— Por que vieste? por que foi que nos amamos? — interrogou elle alienado. — Partes? E acreditas que eu possa ficar sosinho n'esta casa, nu e abandonado, inteiramente só, a sentir-te amada e feliz em cada canto onde passaste nua?

A palavra lhe faltou: a sua angustia era aniquiladora. Ella soffria assim tambem:

— Queres que eu fique?

— Oh! fica!

Vera começou a despir-se. Pedro agarrou-lhe os braços:

— Não! Vae-te. E' preciso que vás. Nós não temos perdão para um acto de fraqueza. Separemo-nos. Quem ama como nós, tem todas as energias. O amor que nos engrandece, que foi a revelação da nossa belleza e fortuna, deve prender-nos á vida e esclarecer-nos a razão. Vae, Vera! vae...

Vestiu-se tambem. Eram seis horas da tarde. Sairam lentamente pelo jardim; attingiram a rua; seguiram em demanda do bonde em que embarcaram conversando calmamente sobre um assumpto interessante, tão dignos e tão cordiaes como antes d'esse immorredouro dia de amor, d'antes, sob a copa amiga das mangueiras centenarias da casita de Vera, onde chegaram já quasi ás oito horas da noite.

— Adeus, Pedro.

— Adeus, Vera.

21— VIII—906.

DOMINGOS RIBEIRO FILHO.



RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIAS CAMINHA

Eu me lembrei de escrever estas recordações, ha dous annos, quando, um dia, por acaso, agarrei um fasciculo de uma revista nacional, esquecida sobre o sofá de minha sala humilde, pelo promotor publico da comarca.

Nella, um dos seus collaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoraveis á natureza da intelligencia das pessôas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos productos, quando os havia, ou, em regra geral, pela ausencia delles.

Li-o a primeira vez com odio, tive desejos de rasgar as paginas e escrever algumas verrinas contra o autor. Considerei melhor e vi que verrinas nada adiantam, não destróem ; se, acaso, conseguem afugentar, magoar o adversario, os argumentos deste ficam vivos, de pé. O melhor, pensei eu, seria oppor argumentos a argumentos, pois se uns não destruíssem os outros, ficariam ambos face a face, á mão de adeptos de um e do outro partido.

Com essa reflexão, que me animo a chamar de bom conselho e excellente intelligencia, vieram-me recordações de minha vida, de toda ella, do meu nascimento, infancia, puericia e mocidade. Mentalmente comparei os meus extraordinarios inicios nos mysterios das letras e das sciencias e os prognosticos dos meus professores de então com este meu triste e bastardo fim de escrivão de collectoria de uma localidade esquecida.

Por instantes, dei razão ao autor do escripto. Cheio de melancolia, daquella melancolia nativa que me ensombra nas horas de alegria e mais me deprime nas de desalento, accendi nervosamente um cigarro, fui á janella, olhei um momento o rio a correr e me puz a analysar detidamente os factos do meu passado que me acabavam de passar pelos olhos.

Verifiquei que, até o curso secundario, as minhas manifestações quaesquer, de intelligencia e trabalho, de desejos e ambições, tinham sido recebidas, senão com applauso ou approvação, ao menos como cousa justa e do meu direito; e que, dahi por

diante, dêz que me dispuz a tomar na vida o logar que parecia ser do meu dever occupar, não sei que hostilidade encontrei, não sei que estúpida má vontade me veio ao encontro, que me fui abattendo, decaindo de mim mesmo, sentindo fugir-me toda aquella sômma de idéas e crenças que me alentaram na minha adolescencia e puericia.

Cri-me fóra de minha sociedade, fóra do agrupamento a que tacitamente eu concedia alguma cousa e em troca me dava tambem alguma cousa. Não sei bem o que cri; mas achei tão cerrado o cipoal, tão intrincada a trama contra a qual me fui bater, que a representação da minha personalidade, na minha consciencia, se fez outra, ou antes, esphacelou-se a que eu tinha construido, e fiquei como um grande paquete moderno, cujos tubos da caldeira se houvessem rompido e deixado fugir o vapor que movia suas machinas.

E foram tantos os casos dos quaes essa minha conclusão resaltava, que resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem periphrases, para, de algum modo, mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirara, era apressada, pois, não *estava em nós*, na nossa carne e nosso sangue, mas *fóra de nós*, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão bellos começos.

Com isso, não foi minha tenção fazer obra d'arte, romance, embora aquelle Taine que, certa vez, o Dr. Graciliano, o promotor publico, deu-me a ler, dissesse que a obra d'arte tem por fim dizer aquillo que os simples factos não dizem.

Não é meu proposito tambem fazer uma obra de odio, de revolta emfim; mas uma defesa a accusações deduzidas superficialmente de apparencias, cuja essencia explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no individuo desprovido de tudo, de familia, de affectos, de sympathias, de fortuna;

isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insidia do veneno.

Perdoem-me os leitores a pobreza da minha narração. Não sou propriamente um literato, não me inscrevi nos registros da livraria Garnier, do Rio, nunca vesti casaca e os grandes jornaes da Capital ainda não me acclamaram como tal—o que de sobra, me parece, são motivos bastante serios, para desculparem a minha falta de estylo e capacidade literaria.

Cachamby, Espirito Santo, 12 de Julho de 1905.

ISAIAS CAMINHA,

Escrivão da Collectoria.

I

*Mon cœur profond ressemble à ces voûtes d'église
Où le moindre bruit s'enfle en une immense voix.*

(Guyau. Vers d'un philosophe.)

A tristeza, a compressão e a desigualdade de nivel mental do meu meio familiar, agiram sobre mim de um modo curioso: deram-me anceios de intelligencia. Meu pae, que era fortemente intelligente e illustrado, em começo, na minha primeira infancia, estimulou-me pela obscuridade de suas exhortações. Eu ainda não tinha entrado para o collegio primario, quando uma vez me disse: — Você sabe que nasceu quando Napoleão ganhou a batalha de Marengo? Arregalei os olhos e perguntei: — Quem era Napoleão? — Um grande homem, um grande general... E não disse mais nada. Encostou-se á cadeira e continuou a ler o livro. Afas-

tei-me sem entrar na significação de suas palavras; comtudo, a entonação de sua voz, o seu gesto e olhar ficaram-me eternamente. Um grande homem! .

O espectáculo do saber de meu pae, realçado pela ignorancia de minha mãe e de outros parentes della, aos meus olhos de criança, surgiu como um deslumbramento.

Pareceu-me então que aquella sua faculdade de explicar tudo, aquelle seu desembaraço de linguagem, a sua capacidade de ler linguas diversas e comprehendel-as, constituíam, não só uma razão de ser de felicidade, de abundancia e riqueza, mas também um titulo para o superior respeito dos homens e para a superior consideração de toda a gente.

Sabendo, ficavamos de alguma maneira sagrados, deificados. Se minha mãe me apparecia triste e humilde — pensava eu naquelle tempo — era porque não sabia, como meu pae, dizer os nomes das estrellas do céu e explicar a natureza da chuva.

Foi com estes sentimentos que entrei para o curso primario. Puz-me aødado no estudo. Brilhei, e com o tempo foram-se desdobrando as minhas primitivas noções sobre o saber. Accentuaram-se-me tendencias; puz-me a collimar glorias extraordinarias, sem lhes avaliar ao certo a significação e a utilidade. Houve na minha alma um tumulto de desejos, de aspirações indefinidas. Para mim, era como se o mundo me estivesse esperando para continuar a evoluir.

Eu ouvia uma tentadora sybilla fallar-me, a toda hora e a todo instante, na minha gloria futura. Agia desordenadamente e sentia a incoherencia dos meus actos, mas esperava que o preenchimento final do meu destino me explicasse cabalmente. Veio-me a *pose*, a necessidade de ser diffe-

rente. Relaxei-me no vestuario e era preciso que minha mãe me reprehendesse para que eu fosse mais zeloso. Fugia aos brinquedos, evitava os grandes grupos, punha-me só com um: ou dois, á parte, no recreio do collegio; lá vinha um dia, porém, que brincava doidamente, apaixonadamente. Causava com isso espanto aos camaradas: Oh! O Isaias brincando! Vae chover

A minha energia no estudo não diminuiu com os annos, como era de esperar; cresceu sempre progressivamente. A professora admirou-me e começou a sympathisar commigo: De si para si (suspeito eu hoje), ella imaginou que lhe passava pelas mãos um genio. Correspondi-lhe a affeição com tanta força d'alma, que tive ciumes della, de seus olhos azues e de seus cabellos castanhos, quando se casou. Tinha eu então dous annos de escola e doze de idade. Dahi a um anno, sahi do collegio, dando-me ella, como recordação, um exemplar do *Poder da Vontade*, luxuosamente encadernado, com uma dedicatoria affectuosa e lisongeira. Foi meu livro de cabeceira. Li-o sempre com mão diurna e nocturna, durante o meu curso secundario, de cujos professores, hoje, poucas recordações importantes tenho. Eram banaes! Nenhum delles tinha os olhos azues de D. Esther, tão meigos e transcendentaes que pareciam ler o meu destino, beijando as paginas em que estava escripto! . .

Quando acabei o curso do Lyceo, tinha uma bôa reputação de estudante, quatro approvações plenas, uma distincção e muitas sabbatinas optimas. Demorei-me na minha cidade natal ainda dois annos, dois annos que passei fóra de mim, excitado pelas notas optimas e pelos prognosticos da minha professora, a quem sempre visitava e ouvia. Toda a manhã, ao acordar-me, ainda com o espirito acariciado pelos nevoentos sonhos de bom

agouro, a sybilla dizia-me ao ouvido: Vae, Isaias! Vae!. Isto aqui não te basta. Vae para o Rio! Então, durante horas, através das minhas occupa-ções quotidianas, punha-me a medir as difficuldades, a considerar que o Rio era uma cidade grande, cheia de riqueza, abarrotada de egoismo, onde eu não tinha conhecimentos, relações, protectores que me pudessem valer. Que faria lá, só, a contar com as minhas proprias forças? Nada. Havia de ser como uma palha no redomoinho da vida — levado d'aqui, tocado para alli, afinal engulido no sorvedouro... ladrão. bebedo.. tysico e quem sabe mais? Hesitava. De manhã, a resolução me tomava quasi inabalavel, mas, pela tarde, acobardava-me diante dos perigos que antevia. Um dia, porém, li no «Diario de ***» que o Felicio, meu antigo condiscipulo, formara-se em pharmacia, tendo recebido por isso uma estrondosa, dizia o Diario, manifestação dos seus collegas. Ora o Felicio! pensei de mim para mim. O Felicio! Tão burro! Tinha victorias no Rio! Porque não as havia eu ter tambem — eu que lhe ensinara, na aula de portuguez, de uma vez para sempre, a differença entre o adjunto attributivo e o adverbial? Porque!?

Li essa noticia na sexta-feira. Durante o sabbado, tudo enfilerei no meu espirito, as vantagens e as desvantagens de uma partida. Hoje, já não me recordo bem das phases dessa batalha; porém, uma circumstancia me occorre das que me demoveram a partir. Na tarde de sabbado, sahi pela estrada em fora. Fazia máo tempo. Uma chuva intermittente cahia desde dous dias. Sahi sem destino, a esmo, melancolicamente aproveitando a estiada.

Passava por um largo descampado e olhei o céo. Pardas nuvens cinzentas galopavam, e, ao longe, uma pequena mancha mais escura parecia

correr engastada nellas. A mancha approximava-se e, pouco a pouco, vi-a subdividir-se, multiplicar-se; porfim, um bando de patos negros passou por sobre minha cabeça, bifurcado em dois ramos, divergentes de um pato que voava na frente, a formar um V. Era a inicial de *Vae*. Tomei isso como signal animador, como bom augurio do meu proposito audacioso. No domingo, de manhã, disse de um só jacto á minha mãe:

— Amanhã, mamãe, vou para o Rio.

Minha mãe nada respondeu, limitou-se a olhar-me enigmaticamente, sem approvação nem reprovação; mas, minha tia, que costurava em uma ponta da mesa, ergueu um tanto a cabeça, descançou a custura no collo e fallou persuasiva:

— Veja lá o que vai fazer, rapaz? Acho que você deve aconselhar-se com o Valentim!

— Ora qual! fiz eu com enfado. Para que Valentim? Não sou eu um rapaz illustrado? Não tenho todo o curso de preparatorios? Para que conselhos?

— Mas olhe, Isaias! você é muito criança. Não tem pratica. O Valentim conhece mais a vida do que você. Tanto mais que já esteve no Rio ..

Minha tia, irmã mais velha de minha mãe, não tinha acabado de dizer a ultima palavra, quando o Valentim entrou envolvido num comprido capote de baeta.

Descançou alguns pacotes de jornaes manchados de sellos e carimbos; tirou o bonet com o emblema do Correio e pediu café.

— Você veio a proposito, Valentim. Isaias quer ir para o Rio e eu acabo de lhe recommendar que se aconselhasse com você.

(*Continúa*)

Ossos

Hoje, ao relêr as paginas sombrias
Das duvidas de outr'ora,
E' ao vêr como importuna tu sorrias,
Em lugar de sorrir, minh'alma chora.

Chora, porque lembrar passadas cousas
E' procurar motivo
Para desenterrar de sob as lousas
O que, suppondo morto, está bem vivo.

E que funda impressão tem quem exhuma
Uma sombra gelada!
Parece que atravez de tenue bruma
Palpita e vive a creatura amada.

E' o mesmo corpo, o mesmo penetrante
Olhar que se dilata,
E que vive e que morre num instante,
E ao mesmo tempo vivifica e mata.

A retina parece que condensa
A visão derradeira
De quem, ungido da suprema crença,
Vai habitar a terra hospitaleira.

E depois de passados longos annos
De cruciante tortura,
Materialisa com signaes humanos
O esqueleto que jaz na sepultura.

Revista da quinzena

PRETEXTOS

A CARAVANA — De quando em quando, os nossos literatos mais famosos, por suas obras ou pela posição que occupam na politica e na administração, resolvem reunir-se e formar uma sociedade, um club, que dê banquetes congratulatorios e convoque sessões ruidosas, não esquecendo, ás vezes, de declarar que o club ou a sociedade tem por fim tambem animar as letras e as artes e propugnar pela disseminação do gosto artistico.

Convidam este e aquelle, procuram os varios chefes dos bandos litterarios, alliciam alguns Atticos suspeitos de usura na gerencia dos jornaes e dous ou tres Mecenas cheios de duvidas na doutrina das letras dobradas, e dão um nome á aggre-miação.

Como não possam deixar de ser grandes literatos os nossos grandes jornalistas, são estes tambem convidados e os poderosos jornaes, *ipso facto*, falam na associação, por intermedio de noticias em que lindos adjectivos cascadeam e rutilam, redigidas a rigor pelos supplentes dos mais celebres mestres, pois sempre os ha nas redacções importantes.

Por dous ou tres mezes, o club prende a attenção do publico.

Desde a velha literatura dos conselheiros imperiaes que isso se observa.

Em 1883 ou 1884, se não me falham a memoria e o pouco conhecimento que tenho dessas cousas, sob o augusto patronato de S. M., o Sr. D. Pedro II, Imperador do Brazil, e com a assistencia de diplomatas das nações amigas e outras pessoas

importantes, nesta cidade, fundou-se a Associação Protectora dos Homens de Letras do Brazil. O nome não lhe ia mal. O Conselheiro João Manoel Pereira da Silva pronunciou o discurso inaugural, uma peça solida de saber e erudição; o Sr. Quesada respondeu; e depois. e depois? Nunca mais se ouviu falar na associação nascida debaixo de tão bellos auspícios.

Tinha por fim, acho eu, animar a profissão das letras, publicar obras, etc. Vindo a Republica, a Democracia portanto, em 1897, se de todo não estou esquecido, funda-se uma outra sociedade de literatos, pintores, musicos, etc., sob o nome de Centro Artistico. Como estavamos no regimen da Fraternidade, já a sociedade tinha um fim mais amplo; queria, tencionava concorrer para a educação do publico em materia de arte.

A inauguração foi modesta, á vista da estréa da antecessora; houve, no entanto, um banquete, cujo *menu*, em francez de Rabelais, dava de alguma sorte como patronos do gremio os heróes do romance do sabio cura de Chinon.

Propunha-se o Centro, como já tive occasião de dizer, a refinar o gosto publico, a levantar a cultura artistica da população brasileira, ou, no minimo, da carioca, além de ter outros fins intelligentes e graves. Que fez? Exposições de *bric-à-brac*, exhibições de quadros vivos e representações de peças nebulosas, obrigadas a claque e casaca, que se deviam mostrar, com lustre e brilho, nas salas elegantes do Cassino e Lyrico da Guarda Velha.

Singular maneira de melhorar o gosto publico e de levantar a cultura da massa!

Não acredito absolutamente que a arte possa ser popular, não acredito mesmo que possa interessar sinceramente, não direi já o povo, mais a um grupo social inteiro, uma casta, uma classe; e não acredito tambem que os nossos literatos amem

o povo, interessem-se pela sua sorte, achem nelle poesia, materia prima para as suas obras.

Pelo menos, não se encontram vestigios disso nos seus volumes. Coisa curiosa! Não temos uma aristocracia ou uma burguezia brilhante que se transmitta atravez das gerações—não temos; entretanto, as nossas letras, quando se voltam para a cidade, não encontram material para a sua obra senão na roda do Lyrico, nos bondes de Botafogo, nas barcas de Petropolis e nos passeios da Tijuca. E' singular! Para o resto, uns velhissimos folhetins á França Junior, palpavelmente errados no tocante á observação.

Acantonam-se num ponto só e esquecem uma das maiores funcções da literatura, que é de soldar os grupos de um paiz uns aos outros, revelando a cada um delles as successivas maneiras de pensar, de sentir, os sonhos, as aspirações particulares a cada qual, procurando, como mostra Guyau, os sentimentos e sensações communs na incoherencia de sentimentos e de sensações de cada individuo, de cada grupo, de cada classe.

Referindo-se aos individuos que não fazem parte da gente que elles adoram e exageram num romantismo curioso, os nossos literatos, só lhes vendo defeito superficiaes, degradam, amesquinham-nos, sem absolutamente descobrir nelles as grandezas que têm, as qualidades que possuem; entretanto—como são as cousas?—para as arvores do Sumaré, para a praia de Copacabana, que, positivamente, não são homens de carne e osso, quanta ternura, quanta palavra bonita!

Eu julgava que os literatos e jornalistas, que se propõem a levantar a cultura geral do povo, deviam ter, por intermedio de suas obras, revistas e jornaes, communicado aos seus leitores as idéas conductoras para que elles fizessem essa ascensão por si mesmos. Seria mais facil e seria mais dif-

ficil. Acho que negam a utilidade de sua obra, appellando para os outros meios que não ella mesma.

A *Caravana*, que se acaba de fundar, parece querer me dar razão, quando organiza um concurso de bandas de musica, cujo fim é extirpar da sensibilidade popular do soldado o gosto pelo tango e pelo maxixe. Porque não lhe mostraram, os literatos e jornalistas da “Caravana”, nos seus livros, nos seus artigos, a hediondez do “Vem cá mulata”? Se uma campanha jornalística ou litteraria era insufficiente, como serão proveitosos alguns concursos semi-officiaes?

Custa-me a comprehender que outra musica que não esta, falle á sensibilidade do nosso soldado, e digo isto sem desdem ou desgosto. Para mim, é tão razoavel e justo que o n. 125, da 3ª companhia do 10º batalhão de infantaria, se anime ao som do “Feitiço”, como o Commendador Esperidião se enthusiasme pela *Tosca* de Puccini. Fóra da sensação de cada um de nós, não ha criterio seguro para a emoção artistica; e, se é possível uma arte superior, devia ella tirar das sensações individuaes e particulares da nossa disparatada população, uma geral, feita daquellas que um genio pudesse harmonizar, proporcionar com a força unificadora de seu talento.

E’ missão de genio, emquanto não chega elle, mesmo depois de chegar, tanta razão tem o 125 como o Commendador Esperidião.

Comtudo, devido á minha educação, tenho preconceitos de arte, por isso lastimo que o Centro Artístico não tivesse tornado effectiva a sua mesianica propaganda d’Arte, para que a “Caravana”, hoje, não necessitasse estabelecer concurso para afastar das fanfarras o “Vem cá mulata”

REVISTAS E JORNAES

O cinematographo («Mercure de France», 1º de Setembro)
 — A cultura latina («Jornal do Commercio», 28 de
 Setembro).

Remy de Gourmont, n'um dos seus ultimos *Epilogos*, interessa-se pela sorte do cinematographo: «O cinematographo ameaça acaso o theatro, pelo menos esta especie de theatro que é principalmente um espectáculo para os olhos? E' provavel. A photographia cinematica vae ter o destino brilhante da photographia estatica. A primeira quasi que aniquilou a gravura; a outra substituirá quasi em toda parte o espectáculo fornecido directamente por movimentos humanos.»

Explica-nos em seguida os motivos da sua sympathia: «Gosto do cinematographo. Interessa a minha curiosidade. Com o seu auxilio, dou a volta ao mundo, e paro, á vontade, em Tokio, em Singapour. Sigo itinerarios insensatos. Vou a New-York, que não é bonito, a Suez que se lhe excede pouco em belleza, e percorro na mesma hora as florestas do Canadá e as montanhas da Escossia; subo o rio Nilo até Khartoum, e momentos depois contemplo a melancolica amplidão do oceano, do convez de um transatlantico.

.....

As scenas da vida privada, comicas ou tragicas, arrançadas para o cinematographo, interessam profundamente o publico. O seu merito primordial é a clareza. São sempre simples, de enredo elementar. O quadro em que evoluem preserva-as da banalidade absoluta; e tambem a rapida mudança de scenarios. Um conto representado por gestos e que dura dez minutos desenvolve-se em vinte sitios differentes. Si se trata de ir no encalço de alguém, e trata-se frequentemente disto, des-

enrolam-se paisagens variadas. Uma scena deste genero mostrou-me um cantinho inteiro da Hespanha. A rapidez dos movimentos augmenta a impressão de vida. E' ás vezes extraordinariamente intensa, e a gente esquece a vulgaridade da historia, por achar graça nos seus episodios.

.....

O cinematographo tem uma moral. E' intensamente moral. A casa Pathé, que fornece muitas destas pelliculas, não zomba dos bons principios. Pode-se ter certeza que a virtude será sempre recompensada, o crime castigado, que os namorados se hão de casar, como é devido, e que os maridos infieis serão cuidadosamente surrados pela esposa ultrajada. O cinematographo é popular e familiar. Em suas tendencias, deseja ser educador. Isto ha de passar, ou pelo menos, ao lado destas scenas inclinadas em demasia para a moralidade usual, hão de nos dar sem duvida outras mais elevadas. Muitos contos de Mérimée, de Maupassant dariam espectaculos gesticulados, de uma bella intensidade.

Muitos dramas de Shakespeare poderiam igualmente fornecer scenas emocionantes. Podemos aconselhar sem remorso estas transposições, porque não tocam na propria obra; respeitariam a palavra.

A palavra, eis o que o theatro não respeita. Por isso um dos encantos do cinematographo é que nelle não se fala. Os ouvidos não se irritam. Os personagens não nos communicam as suas tolices habituaes. E' um grande allivio. O theatro mudo é a distração ideal, o melhor descanso possivel: passam figuras que uma musica ligeira arrasta comsigo. Nem se tem mais o trabalho de sonhar.»

Estas considerações de R. Gourmont induzirão muita gente a olhar com menos desprezo o cine-

matographo. Quem sabe o papel que está reservado á litteratura cinematographica, si assim pode ser chamada? Devorará talvez o romance, o conto, a comedia, o drama, o poema narrativo. Um poema sem versos, que ideal, em certos casos! Mas isto são sonhos, sonhos incertos. Apreciemos, com R. de Goumont, as suas vantagens actuaes:

« Considerado sob o ponto de vista scientifico, o cinematographo é uma das mais curiosas e mesmo uma das mais bellas invenções do nosso tempo. Melhorado, tornar-se-ha um instrumento perfeito e verdadeiramente magico. Não ponho em duvida que nos dê um dia as paysagens com todas as suas côres, os matizes do céu e das florestas. Então conheceremos effectivamente a vasta terra até aos seus recantos mais inacessiveis e os costumes diversos dos homens virão se agitar deante de nós como um bando de dançarinas doces. Tiremos proveito delles. Bem tolo ou desprovido de curiosidade será quem desdenhar esses espectaculos.»

O *Jornal do Commercio* publicou na integra, a primeira conferencia de Ferrero—sobre a cultura latina. Gravemente Ferrero derrubou os altares germanistas que ha longos annos já, eram apon-tados ao nosso culto e ao nosso supersticioso respeito.

E de toda a escola do Recife, o Sr. Sousa Bandeira foi o unico a protestar (*Paiz*, 28 de Set.) contra as proposições atrevidas do historiador italiano.

A proporção, a harmonia e a *sythese*!

Eis as três grandes qualidades que Ferrero descobre no espirito latino, e cuja ausencia é notavel no espirito anglo-saxonio-germanico.

É impossivel reproduzir a demonstração de

Ferrero; mas em poucas palavras com discernimento penetrante, faz-nos vêr uma das causas predominantes na invasão da germanomania: a guerra de 70. Diz elle: «Certo é todavia, que se a 6 de Agosto de 1870, em Wörth e Spicheren—o que não era impossivel—os Francezes tivessem batido os Allemães e a guerra de 1870 tivesse tido um resultado opposto, nós não teriamos assistido áquella especie de germanomania de que foram acommetidas todas as nações da Europa, sem exceptuar, em dado momento, a Italia. Teriamos assimilado com maior discernimento tudo—e não é pouco—o que na cultura allemã é digno de ser admirado; não teriamos acreditado que em tudo que é allemão houvesse o germen antigo fructificado a uma superioridade inatingivel; não teriamos prestado a tantas cousas allemães a homenagem de uma imitação por demais servil e para nós funesta». Cola-janni já dissera alguma cousa semelhante, e a gente lembra-se dos urros cannibaes de Anthéro do Quental, ao lêr as noticias das primeiras victorias prussianas. Era o triumpho pelo canhão, e pelo morticinio, da Cultura e do Pensamento germanico, sobre a Leviandade e a Frivolidade do espirito francez.

Ferrero restabelece a verdade: «A especialisação das sciencias, por exemplo, fez crescer nos ultimos annos a influencia das universidades allemães no mundo, ao passo que diminuiu a das universidades francezas. Não se descobriram muitas cousas novas, de importancia decisiva, nas universidades allemães durante os ultimos trinta annos; se tomardes como exemplo a medicina, vereis que tudo quanto fizeram depois de 1870 os professores allemães não tem a importancia do que fizeram sós, Claude Bernard e Pasteur». E allude em seguida ao «genio synthetico e creador»; seria o caso de citar-se a rêsposta de R. Quinton a um inquerito

sobre a influencia allemã, onde elle mostra que os creadores da biologia são todos francezes: Cuvier, Lamarck, Geoffroy Saint-Hilaire, Bichat, C. Bernard, e Pasteur, que fundaram successivamente a anatomia comparada e a paleontologia, a zoologia philosophica, a embryogenia, a histologia, a physiologia e a microbiologia.

A conferencia de Ferrero foi uma bella conferencia. Emquanto nos lembrarmos della, não poderemos mais sonhar com a “Chanaan” do Sr. Graça Aranha. Mas não estará por algum tempo inacessivel «por motivo de concertos»?

ANTONIO NORONHA SANTOS.

ECHOS, &

Instantaneos — Santos Dumont — Parisiense. Mais conhecido no globo do que a Cléo de Mérode. Tem automovel, frequenta bellas mulheres, e apparece nos albums de Sem, ao lado do grão-duque Wladimir, outro legitimo parisiense, tambem. Se o quizessem collocar no ról dos grandes inventores, entre Fulton e Denis Papin, não ficaria menos espantado do que nós. Vemos daqui o seu sorriso de piedade e mófa. —Eu? diria. Se vocês continuam com esta cantiga, desmoralizam-me. Pois não viram ultimamente, um jornal illustrado, que eu venéro, pois traz a miudo innumeradas reproducções dos meus innumerados balões, declarar convictamente que as ascensões delles, constituem um sport como os outros mais? Que diria Lebaudy, o meu glorioso rival, podre de rico, se soubesse que eu me gabo de ter inventado qualquer cousa? Dei-

xemos esta gloria futil aos fabricantes de sacca-rolhas inquebráveis. Direcção dos balões? Já me enfara este eterno estribilho, e resolvi entregar-me á construcção dos hydroplanos. Acertarei ou não? Isto, no fundo, que importa? Taças de ouro, medallas de platina, concursos, apostas que esvasiam cofres, só isto vale, e poderei, algum dia, gabar-me, de ter levado as emoções do panno verde para os dominios ranços e castos da Sciencia.

* * *

E' preceito estabelecido em um dos nossos grandes jornaes diarios que só póde ser qualificado *eminente* nas suas columnas o Senador Lauro Sodré.

Sendo uma sabia resolução do director, a decisão é respeitada religiosamente por todos os seus auxiliares no jornal.

Por occasião de se receber aqui a noticia do fallecimento de Sully Prudhomme, ao redigir tão infausta nova, conta-se que um redactor inadvertido juntou ao nome do autor de *Stances et Poèmes* o adjectivo exclusivamente reservado áquelle senador.

Vindo a ser avisado da infracção, á ultima hora, alta noite, cheio de somno e fadiga, o redactor em questão, excepcionalmente seguro que, em tal jornal, *eminente* era só o Senador Lauro Sodré, qualificou de *denodado* poeta a Sully Prudhomme.

* * *

Os reformadores da orthographia acreditaram que pugnavam em pról de uma obra de simplificação e economia.

Não ha quem a esse respeito tenha opinião contraria. Orthografia é muito mais simples e gasta menos letras do que orthographia; entretanto, ha

um facto que desmente essa proposição, á primeira vista de tão forte evidencia.

Ao tratarmos da impressão desta Revista, o impressor avisou-nos que seria mais cara se usassemos a orthographia academica.

Com isto, não ha quem se opponha, a vantagem da economia levou um golpe profundo, e a de simplificação ficou um tanto abalada, quando nos disse tão sagaz professional que a revisão na graphia reformada exigia tres, quatro e mais provas.



